



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA**

**ANTONIA ADRIANA GONÇALVES DOS SANTOS**

**DIMENSÃO AFETIVA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: Um recurso contra**  
a evasão escolar no contexto educacional da Educação de Jovens e Adultos (EJA)

CAPANEMA

2023

ANTONIA ADIANA GONÇALVES DOS SANTOS

**DIMENSÃO AFETIVA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA:** Um recurso contra a evasão escolar no contexto educacional da Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, *Campus* de Capanema, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Santiago de Sousa  
Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria da Conceição Azevêdo

CAPANEMA

2023

## AGRADECIMENTOS

Em nossa jornada pela vida, muitas vezes nos encontramos diante de desafios que nos parecem insuperáveis, experiências dolorosas que testam nossa resiliência e força interior. No entanto, há algo incrivelmente poderoso em saber que não estamos sozinhos nessa caminhada. Mesmo nos momentos mais difíceis, a presença amorosa e o apoio inestimável daqueles que nos cercam podem iluminar nosso caminho e nos mostrar que, talvez, a leveza não esteja em carregar o fardo sozinho, mas sim no ato de compartilhar.

Durante a minha jornada acadêmica, repleta de desafios intelectuais, noites sem dormir e momentos de dúvida, nunca me senti sozinha. Hoje, ao concluir este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), quero dedicar um momento para expressar minha mais profunda gratidão a todos que estiveram ao meu lado, tornando possível a realização deste sonho acadêmico.

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus, cuja graça e orientação foram a bússola que me guiou durante todo esse percurso.

A minha família, especialmente a minha mãe, Maria Roseli, que merece um agradecimento especial. Suas palavras de encorajamento, sacrifícios e apoio incondicional foram meu refúgio em cada desafio. Cada conquista é também uma celebração da dedicação de vocês.

Ao meu filho, João Miguel, meu maior presente e inspiração, agradeço por ser minha motivação constante. Seu sorriso iluminou meus dias de estudo e me lembrou constantemente do motivo pelo qual embarquei nessa jornada.

As minhas amigas, que juntamente comigo formam o Quarteto Fantástico, Samires, Evana e Marta, que compartilharam comigo não apenas momentos de descontração, mas também de estudo e reflexão, quero expressar minha gratidão.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão ao professor Paulo Santiago, meu orientador, pela sua contribuição inestimável no processo de escrita do meu TCC. Também expresso minha mais profunda gratidão à minha coorientadora, Conceição Azevêdo. Seu apoio e conhecimento foram fundamentais para o sucesso deste trabalho. Sua paciência ao responder às minhas dúvidas, sua orientação na revisão e aperfeiçoamento deste TCC inspiraram-me a dar o meu melhor.

## **Dimensão afetiva no ensino de Língua Portuguesa: um recurso contra a evasão escolar no contexto educacional da Educação de Jovens e Adultos (EJA)<sup>1</sup>**

Antonia Adriana Gonçalves dos SANTOS<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo discutir a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, como ferramenta para combater a evasão escolar na EJA. Busca-se analisar empiricamente de que maneira a dimensão afetiva contribui positivamente para a permanência dos estudantes nessa modalidade de ensino, ao mesmo tempo em que se explora a sua relevância no processo de ensino-aprendizagem. Foram utilizadas contribuições de Freire (1996), Rego (1995), Oliveira (2006) e Arroyo (2005) para dar embasamento teórico a este estudo. A metodologia da pesquisa é de cunho qualitativo, realizada em uma escola pública do município de Capanema-PA durante o estágio supervisionado. Os resultados mostram a importância da afetividade no contexto educacional, revelando que ela desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem, assim como, revelam que as relações afetivas entre alunos e professores têm um impacto significativo no desempenho escolar dos estudantes.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos; Afetividade; Estágio Supervisionado.

### **Introdução**

Os vínculos afetivos enquanto condições de acolhimento tornam-se fundamentais para o desenvolvimento de todo ser humano, pois estes se manifestam por meio de um clima de empatia e compreensão, desse modo, a afetividade favorece a interação, facilitando a comunicação entre as pessoas. A construção de relações afetivas é muito importante para manter vínculos entre os sujeitos que fazem parte do espaço escolar, o que se dá por meio do diálogo constante, em que a participação ativa dos alunos é considerada preponderante no processo de ensino-aprendizagem, com o apoio dos demais agentes da escola.

O interesse pelo tema em questão surgiu do contato com uma escola do município de Capanema durante a atividade curricular Estágio Supervisionado II: Língua Portuguesa e suas literaturas no Ensino Fundamental (6º a 9º ano), do curso de Letras Língua Portuguesa, que incluía as etapas de observação e regência. Esse momento foi essencial para observarmos o

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste texto foi inicialmente produzida em coautoria com Evana Kelly dos Santos Rodrigues, a partir das experiências vivenciadas durante a atividade curricular Estágio Supervisionado II: Língua Portuguesa e suas literaturas no Ensino Fundamental (6º a 9º ano), orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosângela do S. Nogueira de Sousa e pelo Prof. Paulo Santiago de Sousa, no período de 04 de abril a 06 de maio de 2023. Na presente versão, foram realizados ajustes e acréscimos ao texto original.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará/ Polo Capanema – PA  
Email: aagsantos051@gmail.com

quanto a afetividade é uma ferramenta capaz de minimizar a evasão escolar, principalmente, tratando-se de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Sabemos que, durante o processo de alfabetização de estudantes que cursam essa modalidade de ensino, é necessário um cuidado extremo com as condições de planejamento do ensino, no sentido de garantir um ambiente escolar acolhedor e que seja favorável para os alunos, buscando estabelecer vínculos que possibilitem uma aproximação tanto desses sujeitos com os conteúdos e práticas desenvolvidas quanto com o professor.

Entretanto, a EJA ainda enfrenta grandes desafios, por se tratar de uma modalidade de ensino que abrange um público heterogêneo, formado por homens, mulheres, jovens e adultos que se afastaram das salas de aula na idade adequada e voltam em busca da conclusão da escolaridade básica pelos mais variados motivos. Diante disso é necessário empatia e afetividade, para que esse público que tem características diferenciadas, não volte a abandonar a escola.

Segundo Freire (1996, p. 37), na escola há uma relação importante em que o afeto torna-se real entre a alegria e a esperança, e a educação, um processo colaborativo e participativo, pois “Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria”. Compreendemos, dessa forma, que a afetividade, quando presente na relação professor-aluno, torna-se um fator primordial na construção do saber e de todo modo ajuda na permanência escolar do discente.

Nesta perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo discutir a importância da afetividade como ferramenta para combater a evasão escolar no ensino de língua portuguesa na EJA. Além disso, busca-se analisar empiricamente de que maneira a dimensão afetiva contribui positivamente para a permanência dos estudantes nessa modalidade de ensino, ao mesmo tempo em que se explora a sua relevância no processo de ensino-aprendizagem na EJA, destacando seu potencial transformador. Para tanto, após leituras teóricas, foi possível fazer a seleção de alguns autores que fornecem reflexões e contribuições a este estudo, a saber: Freire (1996), Rego (1995), Oliveira (2006) e Arroyo (2005).

O estudo assume características de pesquisa de campo de cunho qualitativo, pois durante o estágio tivemos encontros diretos com a escola e com os alunos, observando e coletando informações sobre o tema aqui discutido, na intenção de compreendê-lo, a partir da consideração das características do contexto escolar e das percepções dos sujeitos envolvidos.

O presente artigo está estruturado em cinco seções principais, cada uma abordando aspectos específicos da importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem de

Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Na seção introdutória, é apresentada uma visão geral do tema, a problemática da evasão escolar na EJA, o propósito do estudo e são mencionados os teóricos que embasam a pesquisa e a metodologia utilizada. O referencial teórico fornece uma revisão da literatura e com base nas contribuições teóricas, explora-se a relevância da afetividade no contexto educacional e para a aprendizagem da Língua Portuguesa na EJA. É descrito na metodologia o desenho da pesquisa, especificamente o enfoque qualitativo adotado. São apresentados detalhes sobre o local da pesquisa, o método de coleta de dados e como os dados foram analisados. A seção de resultados e discussão é dedicada à apresentação dos resultados da pesquisa. Os dados coletados são analisados à luz do referencial teórico apresentado, destacando a importância da afetividade nas relações entre alunos e professores, seu impacto no desempenho escolar e no engajamento dos estudantes na aprendizagem da Língua Portuguesa na EJA. E nas considerações finais destaca-se a importância de valorizar a afetividade no contexto educacional, sendo reforçadas as implicações práticas e a necessidade de construir vínculos emocionais positivos entre alunos e professores.

### **Fundamentação teórica**

Pensar na construção de uma comunidade escolar mais justa e solidária reflete sobre os valores afetivos que fazem diferença nas relações humanas. O convívio entre professor e alunos pode contribuir para o desenvolvimento da autoestima, do autoconhecimento e da autonomia de estudantes, combatendo sua insegurança e favorecendo seu desempenho escolar. Os alunos da EJA necessitam de muita atenção, carinho e cuidado, algo que muitas vezes não foi trabalhado com eles na idade certa. Sobre isso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394/96, estabelece, em seu Artigo 6º, a idade de 04 anos como referência para a matrícula nas etapas obrigatórias da Educação Básica. No entanto, a EJA é uma modalidade flexível que atende a um público específico: jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola na idade regular, por isso, esses alunos frequentemente requerem um olhar especial devido às suas características específicas. Arroyo (2005 *apud* PAIVA, 2019, p. 39) enfatiza que se trata de alunos “com rosto, com histórias, com cor, com trajetórias sócio-étnico-racial, do campo, da periferia”.

Por se tratar de um sistema de ensino voltado para pessoas que não concluíram os estudos em idade regular e decidiram retomar sua educação posteriormente, existem algumas diferenças significativas entre os alunos da EJA e os alunos do ensino regular que justificam essa necessidade de atenção diferenciada, como a bagagem de experiências de vida,

responsabilidades familiares e profissionais que podem influenciar suas motivações, necessidades e gerar maiores desafios para seus processos formativos. Portanto, trabalhar na modalidade de EJA exige também por parte dos docentes uma abordagem pedagógica sensível às características e necessidades desses alunos, considerando suas especificidades e objetivos individuais, permitindo-lhes adquirir conhecimentos, habilidades e valores relevantes para sua vida cotidiana, trabalho e participação cidadã na sociedade.

Alguns teóricos como Freire (1996), Oliveira (2006) e Rego (1995) reconhecem a afetividade como o berço da socialização entre os indivíduos, pois é por meio dela que são transmitidos os primeiros ensinamentos às crianças. Assim, é necessário compreender essa dimensão da afetividade entre professor e aluno como forma de diminuir a evasão escolar.

Nesse sentido, é importante salientar que a afetividade está diretamente ligada às questões pedagógicas entre todo o grupo escolar, mas intimamente na relação professor-aluno, já que, dentro da sala de aula, é o educador quem deve desenvolver um tratamento acolhedor, diminuindo o distanciamento entre seu mundo e o mundo do aluno, principalmente quando se trata do estudante adulto, considerando sua trajetória de vida. Segundo Rego (1995), na perspectiva de Vygotsky:

[...] interações sociais (entre alunos e o professor) no contexto escolar passam a ser entendidas como condição necessária para a produção de conhecimentos por parte dos alunos, particularmente aquelas que permitem o diálogo, a cooperação e troca de informações mútuas, o confronto de pontos de vista divergentes e que implicam na divisão de tarefas onde cada um tem uma responsabilidade que, somadas, resultarão no alcance de um objeto comum. Cabe, portanto, ao professor não somente permitir que elas ocorram, como também promovê-las no cotidiano das salas de aula. (REGO, 1995, p. 110).

O autor discorre a respeito da importância das interações sociais e defende a ideia de que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. A escola desempenha esse papel importante por meio de ações compartilhadas. Sabemos que a dinâmica de uma sala de aula na EJA é diferenciada por inúmeros fatores. Em geral, alunos estão cansados das atividades diurnas, muitos são mães ou pais de famílias, outros são idosos, alguns são deficientes físicos ou intelectuais, outros ainda são jovens que buscam maior formação escolar para o trabalho. Contudo, não se pode pensar que essas pessoas não possuem o propósito de aprender, se formarem, melhorar suas condições de vida. Freire (1996, p. 72) salienta que, como professor, é “preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo”. Ou seja, o ato de ensinar não deve ser apenas um processo mecânico de transmissão de informações,

mas sim um ato de amor, empatia e coragem. Nessa perspectiva, é necessário importar-se com os alunos e com a qualidade da educação que é ofertada, o que requer disposição para superar desafios e se comprometer com uma prática educativa que promova o crescimento e o bem-estar dos educandos, pois o professor é o mediador e o incentivador de cada aluno, a preocupação, o carinho, o bom relacionamento ajuda no desenvolvimento intelectual e incentiva-os a continuar frequentando as aulas.

Mesmo com muitos obstáculos e dificuldades, a escola do século XXI vem se reinventando. Pesquisas demonstram que essa nova escola tem buscado rever conotações no que se refere à questão do conhecimento, tem dado espaço para trabalhar as competências socioemocionais. Um estudo significativo conduzido por Carneiro e Lopes (2020) esclarece que esse movimento reflete um compromisso crescente em preparar os estudantes não apenas para os desafios acadêmicos, mas também para enfrentar as complexidades da vida de maneira mais ampla. Essa constatação reforça a importância destacada sobre a afetividade no processo de ensino-aprendizagem, respaldando a necessidade de integrar o desenvolvimento socioemocional nas práticas educacionais. A aprendizagem reúne, nesse sentido, competências no que se refere à habilidade do pensar, refazer, reelaborar para que de fato possa acontecer o movimento da memória e a materialização do que foi ensinado. Em relação a isso, no que tange à EJA, o educador passa por muitos desafios, um deles é saber lidar com a heterogeneidade sociocultural dos educandos, Oliveira (2006) comenta:

[...] por mais que se busque associar os alunos em níveis, séries ou turmas por características semelhantes, tais conjuntos sempre serão formados por uma multiplicidade de sujeitos, em si mesmos múltiplos. Nenhum professor lida em uma mesma sala de aula e todos conhecem bem isso por experiência própria com um grupo homogêneo de sujeitos, sejam quais forem os mecanismos de ordenação utilizados. Isso significa que, a despeito de todo o aparato legal e formal do currículo, o trabalho pedagógico sempre se realizará tendo por fundamento essa multiplicidade. (OLIVEIRA, 2007, p. 237).

Essa é uma realidade recorrente na EJA, segundo a autora essa situação precisa ser analisada na construção do currículo, no sentido de desenvolver o diálogo entre esse público diverso.

A ideia de partir dos saberes e experiências dos alunos na EJA ressalta a importância de uma educação que se conecta com a vida real e reconhece a diversidade de conhecimentos que os alunos trazem para a sala de aula. Isso cria um ambiente de aprendizado mais inclusivo, dinâmico e significativo. Nesse viés, Arroyo (2005) comenta:

Partir dos saberes, conhecimentos, interrogações e significados que aprenderam em suas trajetórias de vida será um ponto de partida para uma pedagogia que se pautar pelo diálogo entre os saberes escolares e os saberes sociais. Esse diálogo exigirá um trato sistemático desses saberes, conhecimentos, significados e a cultura acumulados pela sociedade. (ARROYO, 2005, p. 35)

Além desses saberes cotidianos, os alunos da EJA chegam à escola com vergonha, com preconceitos com eles mesmos, com a autoestima comprometida e, muitas vezes, cansados depois de uma exaustiva jornada de trabalho. Todos esses fatores podem contribuir para que o aluno abandone os estudos. A evasão escolar desses alunos pode ser traduzida como falta de interesse e determinação ou como falta de vontade de se esforçar, visto que a aprendizagem exige esforço. Mas o foco aqui é refletir acerca da não evasão por meio do afeto escolar para com os alunos, essa discussão foi necessária a partir das vivências que tivemos durante a realização do estágio supervisionado em turmas da EJA.

Nesse sentido, o resultado da não evasão provém do cuidado e da forma como os alunos são tratados dentro da escola. A questão metodológica, por exemplo, assume relativa importância nesta discussão, pois se entende que os alunos da EJA não só necessitam de um tratamento educativo diferenciado, como, pelas suas características enquanto juventude e maturidade, demandam modelos alternativos de aprendizagem voltados especialmente para suas reais necessidades e expectativas. A esse respeito, Leite e Gazoli (2012, p. 84) alertam que “o fracasso do aluno na EJA significa uma história de dupla exclusão do sistema, que não foi capaz de recompor adequadamente a relação do aluno com as práticas e conteúdos escolares”. Portanto, quando esses alunos enfrentam dificuldades em sua jornada educacional e não conseguem superá-las, é crucial que o sistema educacional adote abordagens mais adequadas e flexíveis, adaptadas às necessidades e circunstâncias dos alunos que compõem as turmas de EJA, ajudando, dessa forma, a evitar a exclusão dupla e promover oportunidades de aprendizado bem-sucedido.

## **Metodologia**

O estudo aqui apresentado enfocou a percepção de um determinado objeto de estudo: a dimensão afetiva no ensino de língua portuguesa como um recurso contra a evasão escolar no contexto educacional da EJA. Isso foi possível através da realização de uma pesquisa qualitativa, abordagem adotada por possibilitar melhor visão e compreensão sobre o que ocorre nessa modalidade de ensino, investigando a relação entre professores e alunos no contexto escolar, através das anotações de observações e descrições de acontecimentos/eventos em um

diário de campo. Dentro do contexto da pesquisa qualitativa, escolhemos a técnica da entrevista aberta (BONI; QUARESMA, 2005) como instrumento principal, abordagem que permite aos participantes expressarem suas visões, experiências e interpretações de forma aberta e livre, contribuindo para uma compreensão mais rica e aprofundada do fenômeno em estudo. A entrevista aberta, ao oferecer espaço para as vozes dos entrevistados se manifestarem de maneira espontânea, possibilita a emergência de aspectos subjetivos e contextuais que seriam difíceis de serem capturados por métodos mais estruturados.

A pesquisa ocorreu durante a realização da atividade curricular Estágio Supervisionado II: Língua Portuguesa e suas literaturas (6º a 9º ano), na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio América Leão Conduru, que fica localizada na Rua Antônio Jerônimo, Bairro Inussun, do município de Capanema-PA, onde são ofertadas a 3ª e 4ª etapa da EJA às terças-feiras, quintas-feiras e sextas-feiras no turno da noite. O procedimento envolveu uma professora de língua portuguesa, a vice-diretora, além de 28 alunos da 3ª etapa e 37 alunos da 4ª etapa dessa modalidade. Na turma da 3ª etapa, a maioria é do sexo masculino, totalizando 18 alunos e apenas 10 do sexo feminino; na turma da 4ª etapa, o total do sexo feminino é de 21 alunas e do sexo masculino é de 16 alunos. A faixa etária dos alunos em ambas as turmas varia entre 15 a 50 anos e provêm de famílias de classe socioeconômica mais baixa.

O Estágio Supervisionado foi dividido em dois períodos: de 11 a 14 de abril de 2023, período em que comparecemos ao campo de estágio para entrega de documentação à direção da escola, nos apresentarmos à professora de Língua Portuguesa e às turmas, assim como, realizamos as observações. Vale ressaltar que houve reciprocidade entre as estagiárias, a professora regente e as turmas observadas, o que possibilitou uma prática prazerosa de estágio. O período da regência iniciou-se no dia 18 de abril de 2023 e finalizou-se no dia 02 de maio de 2023, totalizando 20 horas/aulas. Foram registradas, diariamente, as observações feitas em sala de aula e no âmbito escolar. A observação não seguiu roteiro, objetivando captar ações espontâneas dos sujeitos envolvidos.

Para alcançarmos o objetivo da pesquisa, deixamos os alunos à vontade para expressarem seus pensamentos em relação ao ambiente escolar, aprendizagem e principalmente sobre a relação professor-aluno, assim como, a professora pôde expressar suas percepções em relação a ensinar alunos da modalidade EJA. A entrevista aberta, segundo Minayo (1993 *apud* BONI; QUARESMA, 2005, p. 74), “é utilizada quando o pesquisador deseja obter o maior número possível de informações sobre determinado tema, segundo a visão do entrevistado, e também para obter um maior detalhamento do assunto em questão”. Essa escolha metodológica se alinha à natureza exploratória do estudo, visto que permite uma abordagem mais flexível e

adaptável, propiciando uma compreensão aprofundada das percepções, experiências e nuances dos participantes em relação à dimensão afetiva no ensino de língua portuguesa na EJA.

### **Fios e desafios no contexto da EJA**

A atuação docente na EJA exige, por excelência, cuidados extremos no planejamento das condições concretas de ensino, no sentido de garantir um ambiente afetivo que favoreça os alunos. Tal cuidado deve-se às características da população atendida nessa modalidade. Nessa ótica, refletindo sobre a realidade vivenciada dentro da sala de aula com os aprendizes da EJA, percebemos em seus relatos, apesar de toda dificuldade, o desejo de aprender aqueles assuntos apresentados a eles, em razão do desconhecimento dos conteúdos, sentem-se algumas vezes incapacitados de aprender. Dessa maneira, atribuímos importância para os aspectos afetivos construídos na escola: a complexa relação entre razão, emoção, cognição e afetividade é primordial no processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, Rego (1995) resume a visão de Vygotsky “que concebe o homem como um ser que pensa, raciocina, deduz e abstrai, mas também como alguém que sente, se emociona, deseja, imagina e se sensibiliza” (REGO, 1995, p. 120-121). A autora enfatiza que Vygotsky reconhece que a dimensão emocional desempenha um papel crucial na aprendizagem e no desenvolvimento humano.

Visando esclarecer a importância que se dá no processo de ensino, percebemos que é preciso criar estratégias no decorrer da prática docente, quando o professor identifica as necessidades e dificuldades enfrentadas pelos alunos na EJA. O estágio nos proporcionou refletir acerca da vivência do professor em sala de aula, principalmente quando se trata de turmas dessa modalidade de ensino. Com isso, ao conhecermos as turmas e por meio de conversas com a professora, utilizamos fontes que pudessem contribuir na aprendizagem dos alunos.

É necessário fazer da sala de aula um ambiente alfabetizador, esse ambiente não é simplesmente um lugar onde se expõem textos impressos, famílias de sílabas, entre outros. O educador, por meio de propostas pedagógicas, ajuda seus alunos a encontrarem respostas para suas dúvidas no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Sobre esse aspecto, durante o estágio, percebemos o quanto é desafiador trabalhar com alunos da EJA. Sabemos que a prática educativa é, acima de tudo, um desafio, pois o professor consciente, que busca aprimorar seus conhecimentos, passa grande parte do seu tempo questionando-se, revendo conceitos, buscando ferramentas capazes de instigar seus alunos a aprender, levando em consideração suas perspectivas, seus saberes, suas possibilidades e suas limitações. Nesse

sentido, Oliveira (1999 *apud* PAIVA, 2019, p. 38) destaca a importância de levar em consideração a idade e a bagagem de vida ao analisar ou entender as perspectivas e ações de indivíduos jovens e adultos, pois eles trazem “consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre outras pessoas”.

Do ponto de vista do licenciando — professor em processo de formação inicial — as ações de aprender e ensinar são contínuas, mas, no estágio supervisionado, caracterizam-se como uma interrupção significativa, por meio da passagem da posição de aluno para professor. Esse ponto de transição entre ser um aluno (estagiário) e se tornar um professor é complexo, porque marca a mudança de papéis, como discutido por Azevêdo (2015, p. 189):

Para os licenciandos, o estágio se caracteriza como um momento carregado de expectativas e insegurança, pois têm que lidar com as duas posições que assumem: alunos, perante a instituição de ensino superior, e professores em formação, posição que se espera que assumam em sua inserção na instituição escolar. Galvão (1996 *apud* FRANÇA, 2011, p. 121) considera a complexidade e a fragilidade inerente à tarefa de formar-se, tendo em vista a situação vivenciada pelo formando, “dupla e aparentemente contraditória”, já que contempla “o encerramento de uma situação de aluno e o entrar na profissão”. O estágio culmina esse processo de formação inicial e a inserção no mundo profissional, em que o estagiário precisa cumprir todas as tarefas inerentes às duas situações (GALVÃO, 1996 *apud* FRANÇA, 2011, p. 121).

Levando em consideração o estágio como um período de intensa aprendizagem, além de ser uma fase de adaptação profissional, o graduando observa as situações educativas e suas singularidades. Nesse sentido, os dias de estágios nos trouxeram medos, inquietação, reflexões, insegurança, pois exercer um papel ativo na formulação de propósitos de cidadãos, ou seja, ajudar a capacitar os alunos a se tornarem participantes ativos na sociedade, que contribuem de maneira significativa para o bem comum, não é uma tarefa que se pode generalizar como fácil. Entrar em uma sala de aula da EJA é perceber olhares diversos, como Arroyo (2005, p. 42) salienta, “os jovens e adultos que voltam ao estudo, sempre carregam expectativas e incertezas à flor da pele”, ou seja, geralmente enfrentam uma série de emoções e preocupações intensas em relação ao processo de aprendizagem, além de serem pessoas fisicamente cansadas de uma jornada de trabalho árdua, mulheres com crianças de colo, jovens com problemas de ansiedade, todos esses fatores ficaram evidentes no período de estágio. Com isso, ressaltamos a fundamental importância dada a esse público pela professora mediadora, sempre buscando reinventar, superar obstáculos, desde aqueles mais simples aos mais complexos. Pudemos observar, em suas práticas, a busca incessante de repensar sempre que necessário e reconstruir

procedimentos didáticos para garantir que as atividades dentro da sala de aula pudessem ser desenvolvidas de maneira eficaz.

Nesse contexto, e diante dessa realidade, fazendo referência à afetividade como forma de combate à evasão escolar, compreendemos que o acolhimento faz parte do processo de ensino-aprendizagem e é fundamental para a vida do estudante, independentemente da idade. Ainda mais dentro de uma sala de aula da EJA, já que envolve emoções, valores, atitudes, vivências e reciprocidade. Quando falamos em reciprocidade, levamos em consideração a escuta e o interesse pelo universo desses sujeitos, ou seja, uma forma particular de acolher, pois é nesse viés que somos capazes de reconhecer a necessidade do outro, entender suas limitações, “falar a sua língua” reconhecendo suas capacidades, o que se caracteriza como uma ferramenta prática de incentivo ao aprendizado e à produção de conhecimento.

Além disso, esses aspectos indicam possibilidades de compreensão desse processo como uma criação baseada nos saberes e fazeres dos alunos da EJA, na importância de reconhecer e respeitar a bagagem de experiências e conhecimentos que os educandos trazem consigo para a escola (FREIRE, 1996, p. 33). A professora regente nos orientou a esse respeito durante a elaboração dos planos de aula, como também foi possível observarmos nas provas aplicadas aos alunos. Essa concepção relacionada aos métodos de ensino exige que, no contexto da sala de aula, o professor perceba as conexões existentes no universo cultural desses sujeitos, buscando englobar a diversidade e as diferenças.

Durante o estágio pudemos observar que a relação afetiva esteve presente desde a entrada até a saída dos discentes na escola, isso nos chamou muita atenção, a polidez com cada um, a forma de recebê-los, a preocupação, o envolvimento, todos esses fatores nos fizeram refletir e entender que a prática pedagógica tem um caráter multicultural, pois sua dimensão não se restringe à educação apenas na escola, mas na construção social humana. Para Freire (1996):

O desrespeito à educação, aos educandos, aos educadores e às educadoras corrói ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem querer da própria prática educativa de outro, a alegria necessária ao que fazer docente. É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido. (FREIRE, 1996, p. 73).

Como sugerem as palavras do autor, a afetividade envolve emoções de origem biológica e psicológica, ou seja, o processo de aprendizagem depende dessas sensações para que o indivíduo possa evoluir no meio em que ele está inserido.

Ao refletirmos acerca da afetividade no ensino de língua portuguesa no contexto da EJA como um instrumento contra a evasão escolar, é importante destacarmos que diversos fatores levam os alunos dessa modalidade a abandonarem a escola. Pensando nisso, a relação professor-aluno é um fator importante para a permanência desses sujeitos dentro da sala de aula, assim como a utilização de metodologias relacionadas ao seu contexto social podem ajudar a criar um ambiente mais acolhedor e engajador na EJA, contribuindo para reduzir a evasão escolar e proporcionando uma educação mais inclusiva e significativa para os alunos.

Considerando o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, as observações realizadas durante as aulas revelaram que a professora mediadora constrói uma relação de confiança, ao promover um ambiente seguro para a expressão de ideias, dúvidas e emoções por parte dos estudantes. Essas concepções tornaram-se evidentes durante a aplicação da prova, momento em que a mentora retomava os conteúdos já trabalhados, lembrando os conceitos para os alunos, fazendo uma leitura interpretativa de cada questão, sempre reconhecendo as dificuldades ali presentes, e por meio das orientações repassadas para subsidiar o planejamento da regência por parte das estagiárias, quando a docente demonstrou conhecimento, respeito e valorização para com seus alunos. Nesse sentido, Freire (1996), evidencia que a afetividade desempenha um papel vital na relação entre educador e educandos, e que reflete o compromisso autêntico do educador em apoiar o crescimento e o desenvolvimento dos alunos. O autor comenta o significado da afetividade nessa relação:

Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. (FREIRE, 1996, p. 72).

A partir das palavras do autor, podemos entender que a afetividade não é apenas uma característica da prática educativa, mas uma parte essencial da natureza humana que enriquece a experiência educacional.

Nesse cenário, a construção dos planos de aulas seguiu estratégias adaptadas a esse público, abordando conteúdos flexíveis, sempre direcionados ao contexto social dos discentes, buscando reconhecer seus diferentes ritmos de aprendizagem. Tivemos o privilégio de, juntamente com a professora regente, planejarmos algumas aulas para as turmas observadas no estágio<sup>3</sup>. Para a 3ª etapa, por ser composta por alunos com mais dificuldades na aprendizagem

---

<sup>3</sup> Consideramos um privilégio porque nem sempre é possível, durante os estágios supervisionados, que estagiários e professores supervisores consigam planejar conjuntamente o momento da regência, devido a fatores diversos,

e por não terem o hábito de participar dos diálogos em sala, devido à timidez, foram elaborados 05 planos de aula com o tema dos substantivos. Construímos uma caixinha dos substantivos, com imagens e palavras como proposta de atividades, facilitando a melhor compreensão do assunto por parte dos alunos e como incentivo para a participação nas aulas, para que fossem ao quadro ou respondessem as perguntas de seus lugares. Entregamos para os alunos participativos um chocolate, assim como, foi atribuído 01 ponto para a avaliação. Elaboramos planos de aula para a 4ª etapa com assuntos sobre frase, oração e período, mas, por serem alunos mais participativos, o assunto trabalhado com eles foi dinâmico e com um grau mais elevado de complexidade.

Ao tratar do tema em questão relacionado à afetividade como ferramenta contra a evasão escolar, mediante as observações de desafios e obstáculos enfrentados pela professora de Língua Portuguesa das turmas da EJA durante o estágio, consideramos que a receptividade tanto do núcleo escolar quanto da professora é um dos motivos que fazem com que a permanência dos alunos dentro da escola seja qualitativa, não se pode concluir que não há desistências, mas o trabalho docente junto à direção tem buscado sanar problemas, já que esses jovens e adultos que retornam para a escola nessa modalidade de ensino são cidadãos cheios de conhecimentos e experiências, é preciso que eles encontrem na escola algum significado e que os professores valorizem esses saberes a fim de torná-los pontos de partida para sua prática educativa.

### **Considerações Finais**

Falar da relação professor-aluno é abordar a essência de todo um trabalho que perpassa as ações pedagógicas na escola. Nesse sentido, por meio da experiência vivenciada no estágio supervisionado, foi possível compreender o processo de ensino e aprendizagem da EJA sob o viés da relação entre afetividade e evasão escolar. Dessa forma, compreendemos que o afeto é um recurso mediador para a construção de conhecimentos e facilitador à criação de vínculos entre professor e aluno, possibilitando minimizar o processo de evasão desses jovens. Acreditamos que os aspectos afetivos e cognitivos formam um par inseparável. Todas as relações que sejam familiares, profissionais ou pessoais devem ser permeadas pela afetividade, e esta pode ser validada por todos, em qualquer faixa etária e em qualquer nível social e cultural.

---

como o tempo curto para realização dos estágios, a sobrecarga de trabalho dos docentes supervisores e a incompatibilidade entre calendário escolar e calendário acadêmico, por exemplo.

O ensino de língua portuguesa e a afetividade estão intrinsecamente conectados e suas contribuições são significativas para o processo de aprendizagem desse público, pois quando os estudantes se sentem valorizados e apoiados emocionalmente, estão mais propensos a se engajar nas atividades de aprendizagem e a buscar o aprimoramento de suas habilidades linguísticas. A dimensão afetiva torna o ensino mais significativo, ao estabelecer conexões entre os conteúdos e a realidade dos alunos. O professor, ao explorar temas relevantes ao contexto dos estudantes, proporciona uma aprendizagem mais atrativa e aplicável em suas vidas cotidianas.

Diante de todo o exposto, a realização deste trabalho nos mostrou, a partir da atuação enquanto docente ainda em formação, que o público da EJA é composto por sujeitos heterogêneos, com desejos e especificidades próprias, e o que os motiva a permanecerem nos bancos escolares é o trabalho desenvolvido pelos sujeitos que compõem a escola, mesmo com muitas limitações. Por isso, podemos concluir que toda e qualquer profissão, se desenvolvida com amor, afeto e reciprocidade, atinge objetivos construtivos e significativos.

## Referências

AZEVÊDO, Maria da Conceição. **O trabalho do professor formador: o caso de uma professora formadora em uma universidade pública no interior da Amazônia**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ARROYO, Miguel G. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C; GOMES, Nilma Lino. (Orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. P. 19-50.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevista em Ciências Sociais. **Revista Em Tese**, v. 2 n. 1(3), p. 68-80, janeiro-junho/2005. Disponível em: [Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais | Em Tese \(ufsc.br\)](http://www.ufsc.br/emtese). Acesso em 15 dez. 2023.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em 15 dez. 2023.

CARNEIRO, Maria Daniele Lungas; LOPES, Cícera Alves Nunes. Desenvolvimento das Competências Socioemocionais em Sala de Aula. **Id on line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 14, n. 53, p. 1-14, dezembro/2020. Disponível em: <http://idonline.emnuvens.com.br/id>. Acesso em 15 dez. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; GAZOLI Daniela Gobbo Donadon. **Afetividade no processo de alfabetização de jovens e adultos**. EJA em debate, Florianópolis, vol. 1, p. 79-104, nov. 2012. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA>.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Tendências recentes dos estudos e das práticas curriculares. In: UNESCO. **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. Brasília, DF: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

PAIVA, Tatiana Rachel Andrade de Paiva. **Especificidades da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Perspectiva de Professores do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2019.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.